

INCLUSÃO E READAPTAÇÃO ESCOLAR: UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO

Karoline Ellen Freire da Costa¹

Andrezza Mangueira Estanislau²

Andréia Dutra Escarião³

Universidade Federal da Paraíba, karol.kefc@hotmail.com¹

Universidade Federal da Paraíba, andrezza.estanislau@hotmail.com²

Universidade Federal da Paraíba, aescario@gmail.com³

Este trabalho objetiva relatar uma experiência de estágio vivida em uma escola pública. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizaram-se como embasamento teórico autores relacionados à educação, a psicopedagogia, a inclusão escolar e a saúde. Dentre eles, ressalta-se Olívia Porto, João Beuclair, Susan Stainback e William Stainback.

Apesar de atualmente a discussão a respeito da inclusão estar em alta, podemos perceber que no dia a dia não é o que acontece, os indivíduos com desenvolvimento atípico não são socialmente aceitos em grande parte dos contextos em que estão inseridos. O que favorece práticas discriminativas e preconceituosas, como o *bullying*.

As utilizações de metodologias inadequadas adotadas pela Escola são muito significantes nesta relação, onde muitas vezes, estas instituições tentam modelar o comportamento do aluno para que estes se enquadrem em um padrão idealizado sem considerar as peculiaridades de cada sujeito. Para isso, são criados métodos que não atendem às necessidades destes e que não possuem flexibilidade curricular para a inovação e adaptação, fazendo com que o discente recue em seu processo de aprendizagem.

Neste sentido, o profissional da Psicopedagogia é visto como um grande defensor do processo de inclusão na instituição escolar, tendo em vista que, a Psicopedagogia busca compreender o processo de aprendizagem humana, e todos os aspectos que interferem neste, visando criar estratégias que evitem e minimizem os possíveis déficits e dificuldades nesta aprendizagem.

A escola na qual foi realizada esta experiência de estágio estava ainda no início do processo de inclusão escolar, pois fazia menos de um ano que a mesma havia recebido seus primeiros alunos com necessidades específicas, nos quais constavam dois adolescentes epiléticos e outros dois alunos que ainda não apresentavam diagnóstico fechado.

A demanda do trabalho psicopedagógico veio da própria equipe pedagógica da instituição, que alegava não estar preparada para lidar com a inclusão na prática. Desta forma, foi criado um plano de ação que visava construir junto com eles os pilares necessários para uma escola preparada para educar a todos.

A estratégia de atuação utilizada foi a realização de um Encontro intitulado “Lidando com o novo: Inclusão e Readaptação Escolar”, onde toda a equipe pedagógica da escola

compareceu. Neste apresentou-se uma palestra que buscou, de maneira objetiva e resumida, trazer sugestões para efetivar qualitativamente a inclusão de todos os alunos com necessidades específicas, com ênfase nos alunos epiléticos, os quais eram a principal dificuldade relatada pelos professores.

Para tal, foram mencionados três “passos práticos para a efetivação da inclusão”, sendo o primeiro: conhecer a patologia, distúrbio ou dificuldade do(s) aluno(s); o segundo: buscar metodologias que facilitem a aprendizagem destes alunos e o terceiro: buscar avaliações adequadas às necessidades destes alunos.

Como demonstração da aplicação prática dos referidos passos, cada um deles foi explicitado usando como base o caso dos alunos epiléticos. No primeiro, foi trazida a definição, as causas, os profissionais que atuam na Epilepsia, as variações desta patologia, como proceder em situações de crise e as consequências deste transtorno para a aprendizagem.

Sobre o segundo passo, foi ressaltada a necessidade de ter um conhecimento prévio sobre as condições físicas, intelectuais e psicológicas de cada aprendente, para a partir deste prosseguirem em sua atuação. Além disso, foram sugeridos métodos a serem utilizados pelos professores que auxiliassem a aprendizagem dos alunos, como por exemplo, a utilização da ludicidade para buscar a compreensão e a concentração destes discentes por um maior espaço de tempo.

Sobre o terceiro passo, foram sugeridas possíveis formas de avaliações a serem realizadas, como por exemplo, um processo de avaliação contínuo que valoriza em menor escala o resultado do aluno em uma prova escrita, e se interessa mais pelo desempenho do discente no decorrer do bimestre, levando sempre em consideração as suas limitações e potencialidades.

Os profissionais presentes foram extremamente participativos, levantando questionamentos e trazendo conhecimentos. A última atividade realizada foi o preenchimento de um quadro com as respostas da equipe sobre a seguinte pergunta: “O que eu posso fazer para auxiliar meus alunos com necessidades especiais no dia-a-dia?”. Este ficou exposto na sala dos professores como um convite à mudança e à readaptação curricular e metodológica.

Desta forma, o trabalho realizado visou acima de tudo trazer reflexões sobre a inclusão e tentar auxiliar a equipe pedagógica desta escola. Mostrando-lhes que embora existam muitos desafios, externos e internos, ainda é possível oferecer aos discentes, enfatizando aqui os com necessidades específicas, um ambiente propício para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional.

Portanto, consideramos que este trabalho foi de grande relevância para a instituição na qual foi realizado e para os estagiários envolvidos. Assim como, contribuiu demonstrando as dificuldades e, principalmente, algumas estratégias da aplicação da inclusão em escolas com poucos recursos materiais e poucas iniciativas de qualificação profissional. Pois, embora estes últimos sejam grandes facilitadores, suas limitações não podem interferir na promoção de uma educação que respeite e valorize as especificidades de todos os discentes.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Escola. Prática Pedagógica. Psicopedagogia.